

**CONCORRÊNCIA E MISOGINIA  
COMO A LÓGICA DA CONCORRÊNCIA MERCADOLÓGICA NEOLIBERAL  
ESTABELECE UM CENÁRIO PROPÍCIO PARA MASCULINISTAS E MISÓGINOS NO  
AMBIENTE DIGITAL**

Pedro Gueriero de Campos Lima

Orientador: Prof. Dr. Oswaldo Akamine Jr.

Resumo: Com a ascensão do neoliberalismo, consolidou-se uma nova racionalidade na qual a concorrência tornou-se a razão absoluta da vida humana. Através de estratégias disciplinares, moldou-se o sujeito neoliberal que, privado da seguridade social do Estado, dispôs-se a assumir riscos maiores. Desamparados pelas políticas públicas, os indivíduos passaram a competir intensamente entre si pela ascensão social, resultando na precarização do proletariado. A insegurança e a perda de identidade social geraram um ressentimento difuso, facilitando a adesão a ideias políticas extremistas mediante a fabricação de um inimigo comum para explicar a complexa condição social vivida. Assim, uma guerra de valores morais estabeleceu-se, causando polarização política profunda. Esta realidade foi amplificada pelos algoritmos de engajamento das redes sociais que, visando lucros, propagam conteúdos polêmicos ou conspiratórios. Ao atingirem bolhas sociais, tais conteúdos reforçam opiniões e isolam pontos de vista divergentes, aumentando o extremismo. Constatou-se que a precarização dos homens jovens, ao não atingirem o ideal masculino tradicional, dominador e bem-sucedido, motiva o refúgio em redes misóginas. Os indivíduos culpam as mulheres pela precarização que o afeta e, devido à política de neutralidade e individualização das redes, as causas materiais profundas deste problema estrutural não são resolvidas de fato por tais plataformas digitais.

Palavras-chave: neoliberalismo, precarização, misoginia.

Abstract: With the rise of neoliberalism, a new rationality was consolidated in which competition became the absolute reason for human life. Through disciplinary strategies, the neoliberal subject was molded who, deprived of the State's social security, was willing to assume greater risks. Helpless without public policies, individuals began to compete intensely among themselves for social mobility, resulting in the precarization of the proletariat. Insecurity and the loss of social identity generated a diffuse resentment, facilitating adherence to extremist political ideas through the fabrication of a common enemy to explain the complex social condition experienced. Thus, a war of moral values was established, causing deep political polarization. This reality was amplified by social media engagement algorithms which, aiming for profits, propagate controversial or conspiratorial content. Upon reaching social bubbles, such content reinforces opinions and isolates

divergent points of view, increasing extremism. It was observed that the precarization of young men, by not achieving the traditional masculine ideal—dominant and successful—motivates their refuge in misogynistic networks. Individuals blame women for the precarization that affects them and, due to the policy of neutrality and individualization of the networks, the deep material causes of this structural problem are not resolved by such digital platforms.

Keywords: neoliberalism, precarization, misogyny.

## Introdução

Com a queda do Estado de bem-estar social e a ascensão do neoliberalismo como ideologia político-econômica (Hobsbawm, 1995 e Dardot; Laval, 2016), surgiu, por meio de embates, disciplinas e da desmoralização geral na ideologia dominante anterior, não só uma mudança na política e economia, mas também, uma nova racionalidade, uma pautada na concorrência neoliberal como razão total da vida humana e moldando indivíduos para que se adaptassem à nova racionalidade concorrencial (Dardot; Laval, 2016).

Ao formar um novo tipo de sujeito adaptado à concorrência, um indivíduo que não contasse com a seguridade social do Estado, tivesse mais disposto a assumir riscos, se pressionava para competir com os outros e ascender socialmente e ser bem-sucedido (Dardot; Laval, 2016), foi ocorrendo, também, uma precarização do proletariado, uma que, devido a justamente essas características, teve o seu trabalho precarizado, gerando profunda insegurança social, alienação, perda da identidade social, ansiedade e um profundo ressentimento, que, devido a falta da identificação da razão de se encontrar nessa situação precarizada, se apresenta de forma difusa (Standing, 2013).

Esse precariado, devido às suas vulnerabilidades, se encontra suscetível à adesão de ideias políticas extremistas, geralmente de direita (Standing, 2013), que ao utilizarem de discursos populistas e redirecionar essa raiva difusa causada por um problema complexo, a um inimigo simples e fabricado, por meio também de guerra de valores morais, causa uma divisão no povo e conflitos sociais e polarização política. Essa polarização, por sua vez, é amplificada por conta dos algoritmos das redes sociais, que, em busca de lucro gerado por engajamento, propagam conteúdos polêmicos, controversos e até conspiratórios, que, ao entrarem em contato com bolhas sociais e digitais, criadas pelos próprios algoritmos de personalização e individualização, os isolam de pontos de vistas divergentes, reforçando essas crenças e amplificando o alcance desse extremismo (Fisher, 2023).

Com base nos textos de Eric Hobsbawm, Pierre Dardot, Christian Laval, Guy Standing e Max Fisher, venho, por meio deste artigo, relacionar a racionalidade concorrencial neoliberal, a precarização social e sua exploração pelo extremismo político, com os algoritmos de engajamento das redes sociais e o seu papel na propagação de ideias misóginas, que se amplificam com o

enfraquecimento da identidade tradicional masculina de dominação social e sucesso propaganda pelo tradicionalismo neoliberal conservador.

## **I. O fim da Era de Ouro e a ascensão do neoliberalismo**

### *I.1. A queda da Era de Ouro e do Estado de bem-estar social*

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, as potências globais, se encontravam em um período de grande reforma, tanto econômica quanto social, após um extenso período de profunda crise econômica, devido a Grande Depressão. Com a impopularidade do liberalismo econômico tradicional que contava com o livre mercado, considerados os culpados da crise, a seguridade social e o controle da economia por parte do Estado passaram a ser fortes ideias para a base do regime econômico da maioria dos países.

Ao se voltarem para uma economia mista, com o foco voltado, tanto para a seguridade social, como a garantia de emprego, diminuição de desigualdade social, e o planejamento econômico e administração estatal com o liberalismo econômico capitalista (Hobsbawm, 199, p. 264), aliada das inovações tecnológicas surgidas durante a guerra, as economias mundiais devastadas pela crise anterior e a guerra que recém acabara, passaram pelo processo de reforma econômica (Hobsbawm, 1995, p. 264).

Com a proteção por parte do Estado, os salários dos trabalhadores subiram, ao mesmo tempo em que, novas relações de trabalho surgiram, à partir da maior automatização fordista, aumentando também a oferta, e como consequência dessa combinação, o consumo aumentou globalmente (Hobsbawm, 1995, p. 259), o que fez com que muitas tecnologias e produtos considerados luxuosos, se tornassem não só acessíveis, como também necessidades da população, “a Era de Ouro democratizou o mercado” (Hobsbawm, 1995, p. 264).

Porém, apesar dessas características se provarem benéficas para a economia e para as nações, problemas começaram a surgir nos Estados de bem-estar social que as potências mundiais haviam se tornado. Com a economia mundial se apoiando na hegemonia dos EUA, que por sua vez, sustentava sua economia na conversão de dólar em ouro, a medida que o dólar era expedido em quantidade maior do que havia de ouro, a moeda foi, ao longo da Era de Ouro, enfraquecendo, até chegar ao ponto dela colapsar em 1971. Além disso, as empresas, que por conta do planejamento dos Estados, e fortaleceram e se globalizaram ao longo desse período, e com isso, foram se tornando mais transnacionais do que internacionais, abrindo várias sedes em países onde a fiscalização era mais barata e havia mão-de-obra barata e eficiente, o que aumentou a autonomia e auto sustento das mesmas, o que dificultou o controle de seus Estados e origem (Hobsbawm, 1995, p. 275).

Outro fator importante para a queda do Estado de bem-estar social e a Era de Ouro como um todo foi a crise energética da década de 1970. Durante as décadas desse período, a economia mundial

dependeu massivamente do petróleo como fonte de energia, não só pela sua utilidade, mas também pelo seu baixo preço, o que levou a um grande choque global quando a OPEP, que controlava o fluxo de petróleo, aumentou em o preço dessa fonte energética subitamente, ao ponto de custar o máximo que o mercado pudesse pagar, gerando um quebra no fluxo do petróleo (Hobsbawm, 1995, p. 258).

Por fim, com a mudança geracional, com os mais jovens que representavam os mais novo principais rostos da política e economia mundial, tendo crescido sobre “boom” econômico e social, com a seguridade e garantia de emprego, a expectativa e planejamento de carreira e de economia da Era de Ouro, sem terem presenciado a guerra e a crise anteriores, ao presenciarem o sistema que sempre conheceram desmoronar, passaram a buscar alternativas, sendo a principal delas, e conseqüentemente a mais popular, a volta do *laissez faire*, que por sua vez, havia sido o principal causador da crise econômica anterior (Hobsbawm, 1995, p. 280).

### *1.2. A ascensão do neoliberalismo como racionalidade*

Com a crise em curso e o Welfare State em colapso, críticas à esse sistema surgiram de todas as partes, com tanto a direita quanto a esquerda apontando essa ideologia como a principal culpada para o problemas econômicos mundiais (Dardot; Laval, 2016). A proteção dada aos trabalhadores durante a Era de Ouro foi vista como uma forma de incentivo à preguiça e à falta de esforço dos trabalhadores, pois seus empregos estariam garantidos graças aos direitos trabalhistas e as reivindicações sindicais, além de afirmarem que empresas e sociedades estavam sendo sobretaxadas pelos Estados, o que as impedia de funcionar adequadamente (Dardot; Laval, 2016).

Além desse argumento apresentado pelos intelectuais, outro bastante popular foi a desmoralização do Estado de bem-estar social, que contribuiu fortemente para a mudança da opinião pública contra esse sistema. Segundo a lógica neoliberal, o Estado era responsável por corroer a moralidade individual com suas políticas de seguridade social, ao invés da narrativa anterior, de que o mercado destruía a sociedade civil por conta da busca incessante pelo lucro. Segundo os neoliberais, a assistência social era a razão da criação de indivíduos “preguiçosos”, que não estavam dispostos a buscar empregos, estudarem e até cuidarem de seus filhos, preferindo o ócio ao trabalho. “A proteção social destrói valores sem os quais o capitalismo não poderia funcionar” (Dardot; Laval, 2016, p. 211).

Através dessa série de críticas e descrédito direcionada ao antigo sistema, uma nova corrente de pensamento ganhou popularidade, o neoliberalismo. Como afirmam os autores Dardot e Laval (2016), esse movimento se trata de uma racionalidade, indo além de uma simples corrente de pensamento político-ideológica, sendo pautada no princípio universal da concorrência como forma de governo, se estabelecendo por meio de discursos, práticas e dispositivos que levam a esse governo. Outros objetivos do neoliberalismo são, a privatização e o Estado como protetor e incentivador do mercado, todos voltados à concorrência mercadológica como princípio. Tais objetivos, como

apontam Dardot e Laval (2016), não foram concebidos previamente por uma estratégia direta e racional, mas sim, surgiu de uma série de acontecimentos diversos, que eventualmente levam à um objetivo e à própria estratégia ao longo do tempo. No caso do neoliberalismo, o confronto de ideias contra o Estado de bem-estar social vindas de todas as direções, levaram aos objetivos previamente mencionados.

Com a formação do objetivo ao longo do confronto ideológico, diversas medidas foram adotadas, pelos grupos que faziam parte do movimento neoliberal, para o fortalecimento e estabelecimento dessa ideologia como dominante, que são, segundo Dardot e Laval (2016), os quatro pontos principais para essa grande virada do neoliberalismo: a relação de apoio recíproco entre o neoliberalismo e as transformações do capitalismo, a luta ideológica que a precedeu acompanhou e descreditou sistematicamente o welfarismo, a disciplina econômica e socialmente doutrinou os indivíduos a fim de obrigá-los a se governar sobre a pressão da competição neoliberal e por fim, a nova racionalidade geral que foi imposta, de todos os lados, de que o neoliberalismo consistia na única ideologia política e social capaz de superar os problemas da crise da época.

À medida em que as transformações tecnológica, comercial e produtiva ocorreram, o neoliberalismo apoiou essas transformações de forma mútua, pois as mudanças contínuas nesses setores, criaram situações perfeitas para a instauração do projeto político neoliberal, da regra da concorrência, da desregularização e das privatizações. Devido à alta taxa de inflação e a taxa de desemprego pós-crise do petróleo desacreditaram a política econômica de gastos públicos na economia, o que facilitou o surgimento de políticas monetaristas que transferiram os efeitos da inflação para o poder de compra dos trabalhadores, enfraquecendo a força sindical, baixando os gastos sociais e facilitando a desregulamentação, à custa do aumento do desemprego (Dardot; Laval, 2016).

Outra medida adotada pela política monetarista foi a privatização, sob o argumento de que as empresas privadas conheciam melhor o funcionamento do mercado e da economia, sendo mais eficazes em seu controle e ação do que os agentes públicos, o que enfraqueceu as regulamentações do Estado e proporcionou uma concorrência como regra universal de governo (Dardot; Laval, 2016). Através das instituições bancárias internacionais, recomendações foram feitas, as quais todos os Estados deveriam seguir para conseguir empréstimos e auxílios, recomendações essas que visavam instituir a concorrência exacerbada, com o apoio dos próprios Estados, que assim o fizeram, cortando direitos que eram considerados benéficos demais e também as mecânicas de solidariedade e estabilidade que não faziam parte da lógica privada concorrencial (Dardot; Laval, 2016).

Juntamente disso, os autores Dardot e Laval (2016), abordam como, através de discursos pró-capitalismo, foi-se afirmando, à partir dos pensadores da época como Hayek e Friedman, que as políticas neoliberais eram a solução do problema, com o Estado sendo a razão dos mesmos, ao barrar

o fluxo natural da concorrência do mercado com políticas de seguridade responsáveis pela crise econômica da época. A mídia e a intelectualidade serviram de base para a propaganda neoliberal.

Dessa forma, para a pobreza e o ócio serem combatidos, os valores tradicionais deveriam voltar como os pilares da sociedade. Outra consequência dessa desmoralização foi o surgimento do argumento de que a criminalidade não seria um fruto do meio em que o indivíduo se encontrava, como sugeria o regime anterior, e sim, responsabilidade do indivíduo, que por consequência, se trata da responsabilidade da família, por exemplo, e levaria à um investimento dos pais na educação de seus filhos. Ao promover a responsabilização do indivíduo no âmbito social e econômico, o valor central para as decisões dos trabalhadores seria o enriquecimento, pois de acordo com o pensador neoliberal Friedman, o dinheiro consiste no melhor incentivo para o esforço. Tudo isso aliado à lógica da propriedade privada, que intensifica essa responsabilização, e leva a políticas como as habitações públicas, o comportamento dos trabalhadores como pequenos acionistas e a popularização de uma democracia de proprietários. Por fim, os clientes se tornam árbitros entre as negociações, o que pressionaria as empresas a servi-los melhor, o que intensificaria a concorrência, gerando, por fim, uma disciplina (Dardot; Laval, 2016).

De acordo com os autores Dardot e Laval (2016), os grupos à favor do movimento neoliberal, através uma série de práticas disciplinares de condicionamento de comportamento e conduta, trabalharam para internalizar a concorrência mercadológica como forma de governo humano, através de lentes foucaultianas, e razão da vida humana em todos os seus aspectos. A disciplina neoliberal gerencia, desse modo, a subjetividade dos indivíduos.

Uma das características da disciplina neoliberal é utilizar do intervencionismo para criar situações de mercado onde os indivíduos têm a “obrigação de escolher”, de forma que essa situação seja uma espécie de realidade inevitável e que precisariam, individualmente, achar formas de ter sucesso nela da melhor maneira possível, aumentando seu capital pessoal desfreadamente. Além disso, como já mencionado, o intervencionismo do Estado deve ocorrer da forma de estímulos e desestímulos, para guiar as escolhas e condutas desses indivíduos quando as situações mercantis não são realizáveis (Dardot; Laval, 2016).

Uma outra razão para o fortalecimento do neoliberalismo, foi a Terceira Via da esquerda, que, aceitando que essa realidade neoliberal era inevitável, abandonou sua defesa da social-democracia e da luta pelos direitos coletivos, e abraçou os direitos específicos e identitários, diluindo o movimento igualitário à movimentos menores de grupos específicos com suas individualidades e identidades.

E por fim, um dos elementos mais importantes do controle neoliberal estabelecido por seus defensores, se trata na nova gestão e gerenciamento empresarial, onde o controle das empresas passou a estar muito mais na mão dos acionistas, que por sua vez, pressionaram os trabalhadores a cada vez mais demonstrarem resultados positivos para a empresa, além de terem que se provar merecedores

do emprego e função que têm naquele ambiente de trabalho, pois, o Estado não iria mais assegurá-los disso apenas por fazer parte da empresa, logo, era preciso se provar, através da concorrência com os outros colegas de trabalho, ou também com a disputa por vagas e contratações com outro competidores (Dardot; Laval, 2016). Era, assim, criada uma nova realidade totalmente voltada para lógica de mercado, responsabilização pessoal, individualização, e principalmente, a concorrência mercadológica.

## **II. O sujeito neoliberal, o precariado e a guerra de valores**

### *II.1. O sujeito neoliberal criado pela concorrência mercadológica*

Com o discurso dos adeptos do neoliberalismo ganhando força, e a racionalidade neoliberal expandindo, um novo tipo de indivíduo, adaptado à essa realidade e ao novo sistema de mercado, foi sendo construído. Através de uma nova normatividade, os indivíduos foram condicionados a terem uma nova forma de pensar e de se portar, uma caracterizada pela autodisciplina, com o sujeito agindo sobre os princípios concorrenciais do mercado.

Através das políticas adotadas de individualização das ações e das consequências, abordadas no capítulo anterior, criou-se uma mentalidade concorrencial, a vigilância e cobrança pelo comportamento concorrencial como um modelo de vida, com o sujeito sendo comparável e hierarquizável, não mais passa a vir de um fator externo, mas sim, do próprio indivíduo, que passa a realizar um “governo de si” (Dardot; Laval, 2016).

Como afirmam Dardot e Laval (2016), esses grupos e neoliberalistas utilizaram de técnicas disciplinares e essa normatização a fim, não só de acostumar os indivíduos à realidade concorrencial, mas também, criar uma “gestão das mentes” (Dardot; Laval, 2016, p. 325), onde, através de uma “mão invisível”, o pensamento, comportamento e visão do sujeitos são moldados para que não só enxerguem o mundo sobre uma visão empresarial, mas também, para que sua subjetividade esteja entrelaçado com a empresa, estando disposto a se provar útil e eficaz no que realiza.

Ao interligar a subjetividade do sujeito neoliberal, com o seu trabalho, os seus desejos, são o alvo do controle, pois são vistos por ele e por aqueles que o controlam como o desejo de todos, com o indivíduo trabalhando e se motivando a sua tarefa como se o fizesse por conta própria. O sujeito se submete ao controle porque não há diferença entre o que ele deseja e o outro deseja (Dardot; Laval, 2016).

Juntamente a isso, o desmantelamento do sistema de proteção estatal, presente no Estado de bem-estar social, causando a insegurança trabalhista, a diminuição do poder de compra e a facilitação da demissão, por exemplo, criaram um medo social que facilitou a implementação dessa neogestão nas empresas. Com os empregados tendo o risco transferidos para eles, suas disponibilidades e comprometimentos aumentaram, pois passaram a se sentir dependentes de seus superiores. Com o

aumento do risco do trabalhador, aliado ao medo social, o pensamento motivacional de aperfeiçoamento pessoal, constante evolução e engajamento no trabalho, o indivíduo se encontra em constante concorrência (Dardot; Laval, 2016).

Além disso, é trabalhado com o indivíduo a motivação através de uma lógica de guerreiro, com o trabalho do sujeito encarado como algo que precisa de combate, força e sucesso, ao passo que desenvolve a ideia de que para a realização pessoal e o sucesso, a dedicação é necessária, com o trabalhador não podendo ser “preguiçoso” como o trabalhador assalariado anterior à ele, se quiser alcançar o sucesso (Dardot; Laval, 2016), desenvolvendo o seu capital humano.

Tudo isso é trabalhado através de várias técnicas como o *coaching*, programação neurolinguística (PNL), e vários processos de formação educacional visando ensinar o “domínio de si mesmo”, como o próprio domínio das emoções, do estresse, das relações de trabalho, com o objetivo de adaptar o trabalhador à realidade da racionalidade neoliberal e torná-lo mais operacional em situações difíceis. Essas técnicas, que são propagadas como a chave para o sucesso do indivíduo, se tratam de técnicas de governamentalidade (Dardot; Laval, 2016).

Ao utilizar dessas técnicas e exercícios de domínio sobre si mesmo, o sujeito acaba por se individualizar, se culpando por todos os resultados que alcança, principalmente o fracasso, sendo imperioso a flexibilidade perante o mundo, os riscos e o desenvolvimento pessoal caso queira alcançar o sucesso, pois como não possui a seguridade para se apoiar, a responsabilização é certa (Dardot; Laval, 2016). Isso tudo se amplifica através das avaliações empresariais, onde a pressão pela maior renda e sucesso por parte dos superiores julga aqueles que não conseguem bater as metas e serem produtivos o suficiente. A formação e qualificação do indivíduo não valem mais, e sim, a sua força de trabalho (Dardot; Laval, 2016).

## *II.2. A pressão sobre o precariado e a válvula de escape através do ódio*

Todos esses mecanismos de gestão têm pesos acerca do sujeito neoliberal, também levam à adoção de trabalhos precarizados por parte de muitos, pois, sem mais a segurança institucional, além do incentivo ao risco, o trabalhador se vê compelido a aceitar empregos precários, sem perspectiva de futuro ou oportunidades de crescimento da carreira, além de pouco remunerados, como reflexo da desigualdade social crescente por conta do regime neoliberal. Isso, de acordo com o autor Guy Standing (2013), gera uma nova classe social, chamada por ele de precariado.

Tal classe surgiu devido à fragmentação da estrutura de classe global, que gerou uma classe social marcada pela profunda insegurança trabalhista, a falta de confiança e apoio do Estado, falta de gratificações, falta de garantia de mercado de trabalho, falta de garantia de vínculo empregatício, falta de segurança no trabalho, falta de garantia de reprodução de habilidade, falta de segurança de renda

e a falta de garantia de representação, além de não possuírem uma identidade bem definida (Standing, 2013).

Dessa forma, o precariado se vê mais submisso aos seus empregadores devido a suas inseguranças, além de estar em um profundo estado de raiva, ansiedade, anomia e alienação, devido às frustrações de não permanecer um emprego estável e não ter uma perspectiva de ascensão social, estando suspenso entre a profunda autoexploração e o desengajamento, concordando com esses fatores pela esperança de conseguir algum tipo de reconhecimento (Standing, 2013).

A anomia surge por conta de uma indiferença por conta da constante derrota, além da condenação social que sofrem na mão de políticos e da classe média, que os taxam como preguiçosos, irresponsáveis e desmerecedores do sucesso devido a situação em que se encontram como parte do precariado. Também presente está a ansiedade do precariado, por conta de estarem sempre à beira do limite, pois sabem que qualquer erro ou má sorte momentânea pode tirar deles o pouco que possuem. Por fim, a alienação se dá por conta de saberem que o que fazem não é em virtude do próprio propósito, mas sim, algo feito para outros, sem ser algo que pudessem apreciar ou respeitar. O precariado está, ao mesmo tempo, “subempregado” e “sobrepregado”, e em um estado constante de frustração (Standing, 2013).

Devido a esses fatores, o precariado possui pouca dignidade social e autoestima em decorrência da situação em que se encontra, procurando apreço em outro lugar, independente do sucesso, que quase nunca vêem. Isso ocorre por conta da confiança frágil que possuem, por estarem perpetuamente confusas por não saberem onde estão na vida, não conseguindo assim criar um laço de confiança e cooperação. Essa falta de organização e pertencimento cria um profundo ressentimento, que por sua vez, se manifesta de forma difusa, por conta do precariado não conseguir encontrar uma razão para sua condição, devido a essa mesma confusão que experienciam (Standing, 2013).

O autor também argumenta que, dessa forma, o precariado se encontra mais suscetível à apoiar a discriminação minoritária, pois ideias de extrema-direita, ao utilizar do populismo em seu discurso, valida os medos sociais do precariado ao apresentar um “inimigo” concreto e simples como razão de sua condição social, que na realidade, é complexa e sistêmica (Standing, 2013).

Essa inflamação dos conflitos de ódio ao inimigo comum, é explorada pela extrema-direita neoliberal através de uma guerra de valores criada por esse grupo, ao se utilizar de discursos tradicionalistas como base da sociedade e a forma adequada de se viver, o que demonstra que tudo o que não se encontra nesse recorte social, é uma ameaça às instituições e a razão dos problemas sociais (Dardot; et al, 2021). Dessa forma, a extrema-direita neoliberal consegue conceder uma identidade unitária para o precariado, que fragilizado, encontra força para lutar pelo que vêem como salvação perante a ameaça que as minorias se mostram à eles, pois ao adentrarem ao espaço social e

reivindicarem direitos, estariam roubando as oportunidades de ascensão social e seguridade que o precariado tanto almeja, como, se tratando do objeto de estudo deste artigo, a figura feminina como ameaça do precariado masculino.

A direita neoliberal, ao criar um ideal masculino que se apoia no simbolismo tradicional (Bourdieu, 2002) do homem como dominante na sociedade e a figura provedora do lar e bem sucedida no trabalho através das técnicas de gestão da mente do sujeito neoliberal, incentiva por uma busca do indivíduo masculino à competir para alcançar esse ideal (Dardot; Laval, 2016). Porém, devido à muitos se encontrarem em uma situação socialmente precarizada, ao se depararem com o próprio fracasso em alcançar esse ideal, encontram, nas ideias de extrema direita e na discriminação contra a mulher, uma forma de se reafirmarem sua dominância simbólica e desenvolver uma identidade como grupo, que no processo de precarização e na falha de alcance do ideal masculino tradicional neoliberal, se perdeu.

### **III. A internet como cenário propício para a propagação da misoginia**

#### *III.1. Bolhas digitais e a individualização digital*

A internet surgiu no contexto da racionalidade neoliberal, com o Vale do Silício, a região onde se encontram os maiores agentes que comandam as big techs, tendo se tornado um centro com uma força econômica mundial, devido às inovações tecnológicas que as empresas fundadoras das redes sociais trouxeram, tanto para o âmbito econômico, quanto social, por conta dos novos meios de comunicação e interação social criados, como o Facebook, o Twitter, o 4chan, Reddit e outras grandes redes sociais.

Tendo surgido nesse contexto, as redes sociais, como o autor Max Fisher (2023) aborda, de maneira indireta, cresceram e se desenvolveram através dessa lógica e racionalidade: a própria internet como um mercado total, se desenvolvendo e focando no crescimento das plataformas, na competição e no lucro gerado pelo engajamento, os algoritmos sendo construídos e guiados pelo lucro econômico, encaminhando e fomentando conteúdos que geram mais engajamento e tempo de uso das redes, e a responsabilização individual e despolitização das redes e plataformas.

Uma das principais plataformas que exemplificam isso é o Facebook. Tendo sido criada em 2004, a rede social funcionava como um centro de comunicações de universitários, até que, em 2006, resolveram criar o “feed de notícias”, que funcionava de forma personalizada para cada usuário, mostrando para cada um o que seus amigos faziam e recomendando perfis parecidos, criando um senso de comunidade e união entre os usuários, e criando bolhas sociais que passavam a ter uma percepção de serem mais populares e universais do que realmente eram dentro da plataforma, o que, apesar de inicialmente ter incomodado os usuários devido ao fato de terem considerado isso invasivo para a própria privacidade, aumentou o engajamento dos usuários com a plataforma e chegou a

proporcionar que grupos criados nela em forma de protesto contra o “feed de notícias” se fortalecessem e se tornassem populares, o que era irônico, levando em consideração que eles só tomaram aquela proporção e surgiram, por conta do próprio novo algoritmo (Fisher, 2023).

Esse novo tipo de algoritmo que havia sido criado e implementado pelo Facebook, demonstrou o poder de engajamento da plataforma, o que só iria crescer com o passar dos anos em toda a internet, com várias comunidades e bolhas sociais surgindo por conta do algoritmo, que unia pessoas baseadas em quem conheciam e também no tipo de conteúdo que identificava ser da preferência do usuário (Fisher, 2023). E, o que para muitos, poderia parecer algo bom, afinal, criava laços entre pessoas com mentalidades e gostos parecidos ao redor do mundo, se demonstrou um problema.

Esse algoritmo personalizado, passou a não só criar comunidades de iguais, mas, por conta dessa característica, as recomendações de conteúdo reforçaram vieses, opiniões e pontos de vista, sem expor aos usuários, o contraponto e visões diferentes acerca daquele mesmo assunto, criando comunidades que passavam a cada vez mais, acreditar que seus vieses e opiniões eram absolutos, não podendo ser contestados, pois, aparentemente, todos concordavam e tudo o que viam, confirmava a veracidade daquela informação, mesmo que, em muitos casos, ela não fosse verdadeira, independente do tema em questão (Fisher, 2023).

Dessa forma, muitas notícias falsas foram espalhadas pelos fóruns e plataformas da internet, que chegavam até grupos conspiratórios acerca de assuntos como saúde pública, por exemplo, que eram cada vez mais propagados, não só por conta da personalização do feed, mas também porque o algoritmo havia aprendido outra coisa, controvérsias e polêmicas geravam mais engajamento. Como argumenta Fisher (2023), ao saber da veracidade de uma informação, normalmente, a pessoa não discute sobre isso nas redes sociais, pois já aceitou aquilo que recebeu e sabe de sua confirmação, porém, quando a informação recebida se trata de algo polêmico, controverso ou até conspiratório, o usuário tende a sentir a necessidade de espalhar a mensagem e debater sobre nas redes sociais, tentando alertar outros da situação e até mesmo convencer desconhecidos da gravidade do assunto, como ocorreu, por exemplo, o movimentos negacionistas de extrema direita, ganharam muita força com o crescimento da popularidade das redes sociais.

Além disso, esse reforço de vieses e opiniões das bolhas digitais, não só impedia o confronto e troca de ideias divergentes, mas também, criava uma identidade para o grupo formado à partir dessa bolha, que, ao serem confrontados com divergências por outras bolhas e grupos, viam suas identidades e suas bolhas como atacadas e ameaçadas, revidando o que enxergavam como um ataque com agressividade e violência, o que, com o passar do tempo, levou a resultados alarmantes na vida real e um aumento muito grande na polarização, especialmente a política, com um dos tipos de ataques

por questões morais que foram elevados a questões políticas sendo os ataques misóginos descritos por Fisher (2023) como o Gamergate.

### *III.2. A exploração da frustração do homem precariado através da misoginia*

Como mencionado anteriormente, o Gamergate foi um movimento de ataques misóginos conspiratórios causados por gamers que afirmavam estarem promovendo as agressões e ameaças contra mulheres por conta de serem responsáveis por, inicialmente, arruinar o espaço gamer, que sempre foi considerado tipicamente masculino, com a sua presença, o que posteriormente escalonou para a justificativa de que as mulheres modernas, feministas e independentes estavam causando a ruína da sociedade ocidental, tudo à partir de um relato falso difamatório feito por um jovem, homem e gamer, fez sobre uma desenvolvedora de jogos que entrou na indústria com o objetivo de abrir espaço para a maior presença de um público feminino no mercado e na comunidade gamer (Fisher, 2023).

A identidade dos gamers foi criada, ao longo de muitas décadas, como um reflexo da racionalidade neoliberal. Com o mercado de videogames, que surgiu nos anos 1970 inicialmente universalmente atrativo, caindo vertiginosamente em popularidade nos anos 1980, uma nova abordagem foi criada pelos desenvolvedores e vendedores de videogames. Os aparelhos e consoles, que inicialmente eram vendidos em lojas voltadas para adultos, passam a ser vendidos em lojas de brinquedo, que historicamente, atuavam como um acentuador de identidades de gênero, em especial, as identidades tradicionais. Além disso, após análises de mercado afirmando que o público masculino gerava mais gastos para os pais, a abordagem dos desenvolvedores de jogos se voltou para esse público, criando jogos de videogame que reforçavam identidades de gênero masculinas tradicionais e estereotipadas (Fisher, 2023).

Com a ascensão da internet, o primeiro público atraído para as comunidades digitais, foi o público masculino e jovem, especialmente, aqueles que não se sentiam parte da identidade nacional, sendo socialmente deslocados e alienados, que buscaram nas redes e nos grupos, apoio e reconhecimento, e encontraram. Ao formarem esses grupos, em que a maioria dos membros eram gamers, devido ao fato de que as redes haviam sido pensadas para operar sobre a mesma lógica recompensa e atração que os jogos de videogames, uma identidade pessoal foi criada por seus membros. Porém, com a popularização das plataformas digitais, pessoas de diferentes grupos sociais também foram integrados ao ambiente digital, criando suas próprias identidades, diversificando o ambiente digital (Fisher, 2023).

Com a ascensão da diversidade nos grupos nas redes e plataformas digitais, em especial das mulheres, muitos dos grupos e comunidades dominantes, principalmente aqueles gamers jovens e homens inseguros e socialmente alienados, enxergaram essa ascensão feminina, não só no ambiente

digital, como também na sociedade como um todo, como uma afronta à suas identidades masculinas, que, já socialmente precarizadas devido e com a raiva difusa (Standing, 2013), acabaram por ser seduzidos pelos conteúdos de extrema direita misógino, que chegou até suas comunidades por conta do algoritmo de engajamento das redes sociais, que propagam conteúdos controversos e polêmicos (Fisher, 2023). Dessa forma, assim que a desenvolvedora de jogos Zoë Quinn, em 2014, por conta de sua opinião pró-diversidade feminina nos jogos, foi alvo de uma difamação por parte de um gamer masculino, que afirmava que ela havia conseguido um emprego em uma empresa de prestígio de jogos por meio de favores sexuais, os jovens encontraram, nela e nas mulheres como um todo, um “inimigo” para representar suas frustrações sociais, a atacando nas redes, expondo seus dados e até a ameaçando na vida real (Fisher, 2023).

A precarização social e jovens homens, ao os colocar nessa posição social em que estão inseguros, alienados e sem reconhecimento, perdem o poder simbólico masculino que historicamente foi construído pelos valores tradicionais da direita, que definiram a dominação social masculina, naturalizada nas interações e instituições sociais (Bourdieu, 2002), acaba por criar uma desorientação nesses jovens, que, ao procurarem por uma resposta e ajuda acerca desse reconhecimento e identidade, ao se depararem com conteúdos masculinistas, propagados pela extrema direita neoliberal, em busca de explorar esses sentimentos para o próprio lucro, monetizando em cima desses conteúdos, por meio de cursos e vídeos, que o algoritmo, em busca do engajamento que se converte em lucro no ambiente digital, acabam por definir um inimigo claro para a razão de sua condição social precarizada, passando a reagir à essa “opressão” com agressividade, violência e ameaças (Fisher, 2023).

Essa propagação de ideias de extrema direita que acolheu tantos jovens por conta dos algoritmos de engajamento, não só foram responsáveis pelo evento e escândalo que foi o Gamergate, mas sim, uma nova identidade adotada por muitos nas redes sociais, com os pensamentos e ideias misóginas do Gamergate, junto do seu modus operandi, que opera de maneira descentralizada através da anonimidade da internet que diversos indivíduos diferentes se aproveitaram, se espalhou por todos os cantos da internet e das próprias redes sociais, saindo da bolha gamer e sendo responsável por um crescimento grande da direita alternativa, o que foi aproveitado por diversos influenciadores que cresceram à partir dessa bolha de novos misóginos, lucrando por conta de seus vídeos que, por conta do algoritmo do YouTube, ganharam um grande alcance, com as plataformas e redes se abstendo de resolver essa situação devido a sua política de neutralidade e individualização da culpa, afirmando que os problemas com os conteúdos das redes eram de responsabilidade dos próprios usuários, que fizeram mal uso das próprias plataformas, e sendo os únicos que deveriam assumir essa responsabilidade e arcar com as consequência (Fisher, 2023).

## Conclusões

Por meio da reconstrução histórica da queda do Estado de bem-estar social e a ascensão da ideologia neoliberal, à partir obras de Eric Hobsbawm, Pierre Dardot e Christian Laval, pude observar como a formação da racionalidade neoliberal, que por sua vez, se apoia na concorrência como razão de toda a vida dos indivíduos, não têm apenas um efeito nas políticas econômicas, mas também, na relação entre indivíduos e a sociedade e também na polarização política e extremização dos próprios indivíduos.

Além disso, ao observar essa mudança da relação dos indivíduos com a própria sociedade, foi possível observar a mudança que esses sujeitos mudaram totalmente sua mentalidade em favor da racionalidade concorrencial neoliberal, tanto por conta da direita conservadora e tradicionalista, quanto por conta da esquerda neoliberal, que desistiu das causas coletivas de classe, em favor de conflitos identitários menores. Essa virada na mentalidade, também teve um efeito de precarização social das classes mais baixas, que, por conta do aumento da desigualdade social pelo enfraquecimento da instituições de seguridade social, gerou uma insegurança, perda da identidade, alienação, e, conseqüentemente, uma raiva difusa, graças a não identificação da razão dessa condição desse precariado, os deixando suscetíveis à adesão ao extremismo político populista, que os aponta um inimigo inventado como razão dessa precarização, como aborda em seus textos *Guys Standing*.

Por fim, se observou essa situação de forma prática e empírica por meio dos ataques misóginos, causados por causas identitárias que partiram uma ameaça ao percebido como identidade masculina tradicional de dominação e sucesso social, impulsionados por algoritmos que, em busca do lucro gerado pelo engajamento, que aumenta com a proliferação de conteúdos controversos, polêmicos e muitas vezes conspiratórios, assim o fazem, criando novas bolhas sociais e digitais de jovens precarizados e frustrados, que consomem desses conteúdos extremistas de direita, e, por meio da anonimidade e neutralidade das redes em relação ao conteúdo compartilhado, realizam ataques misóginos e violentos, escalonando para ameaças ao novo inimigo comum fabricado por influenciadores que lucram com essa nova comunidade criada, como aborda Max Fisher em seu texto. Dessa forma, por conta da individualização de responsabilidade por ações realizadas nas redes por parte das próprias plataformas, por mais que muitos desses envolvidos nesses ataques realmente respondam por suas ações, a base do problema não é resolvida, pois é estrutural do próprio funcionamento das redes e sistema na qual foram criadas e operam na atualidade.

## Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

DARDOT, Pierre; GUÉGUEN, Haud; LAVAL, Christian; SAUVÊTRE, Pierre. **A escolha da guerra civil: uma outra história do neoliberalismo**. São Paulo: Elefante, 2021.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

FISHER, Max. **A máquina do caos**: como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo. Tradução de Érico Assis. São Paulo: Todavia, 2023.

HOBSBAWM, E. J. **Era dos extremos**: o breve século XX: 1914-1991. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

STANDING, Guy. **O precariado**: a nova classe perigosa. Tradução: Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.